

TEXTO I

O Inspetor Geral, de Nikolai Gogol (1809-1852).**SINOPSE**

Uma pequena cidade do interior da Rússia é governada por administradores corruptos que procuram acobertar as mazelas entre si. Chega, então, uma terrível notícia: virá de São Petersburgo um inspetor geral para fazer uma sindicância na cidade. Os administradores entram em pânico. Ao mesmo tempo, de passagem para a sua terra, hospeda-se em um hotel, sem dinheiro sequer para comer, Khlestakov, um simples funcionário do governo, que acabara de perder tudo no jogo e não está interessado nos problemas da cidade, mas somente em saber como poderá sobreviver até chegar à casa de seu pai.

Supondo tratar-se do anunciado inspetor geral, um grupo de representantes da cidade entra em seu quarto, atribuindo-lhe uma importância exagerada. Khlestakov percebe o equívoco e se aproveita da oportunidade aceitando com naturalidade o papel que lhe atribuem.

A cena que vocês vão representar se passa no quarto do hotel onde se hospedaram Khlestakov e seu criado Óssip, e se dá antes de se estabelecer à confusão.

CENA 2, SEGUNDO ATO: (FRAGMENTO):

O criado está deitado sobre a cama do seu senhor, quando este entra abruptamente. Óssip levanta-se rapidamente e simula estar trabalhando.

- KHLESTAKOV** Segure! (Dá-lhe o chapéu e a bengala) Você tornou a se espojar na minha cama, não é?
- ÓSSIP** E pra que eu iria me espojar? Pensa que eu nunca vi uma cama na minha vida?
- KHLESTAKOV** Você está mentindo. Você se deitou. Olha só, está toda desarrumada.
- ÓSSIP** Pra que eu preciso de sua cama? Pensa que eu não sei o que é uma cama? Eu tenho pernas, posso ficar de pé! Pra que eu iria querer sua cama?
- KHLESTAKOV** (Passeia pelo quarto) Acabou o fumo?
- ÓSSIP** E como não haveria de acabar? Faz mais de quatro dias que o senhor fumou o pouco que ainda havia.
- KHLESTAKOV** (Passeia e morde caprichosamente os lábios. Por fim, diz com voz sonora e tom decidido) Escute! Éh, Óssip!
- ÓSSIP** Que foi?
- KHLESTAKOV** (Com voz muito menos sonora e menos decidida) Vá lá!
- ÓSSIP** Lá onde?
- KHLESTAKOV** (Com voz muito menos sonora, na qual não se distingue a menor decisão e se percebe alguma coisa muito próxima de uma súplica.) Lá embaixo na cozinha. Vá lá e diga pra eles o seguinte: diga que eu preciso almoçar.
- ÓSSIP** Não, eu não quero ir.
- KHLESTAKOV** Como é que você se atreve a me responder assim, estúpido!
- ÓSSIP** Eu me atrevo porque me atrevo. De qualquer forma, mesmo que eu fosse não iria adiantar nada. O hoteleiro já disse que não vai dar mais comida pra gente.
- KHLESTAKOV** Mas por que não? Isso é um absurdo!
- ÓSSIP** E ele disse ainda mais. Disse que vai fazer uma denúncia ao governador. Há mais de três semanas que estamos aqui, e o senhor ainda não lhe pagou nada. “Você e seu amo”, disse ele, “são uns bons malandros. E esse seu amo é um charlatão. Já vi muitos pícaros e sem-vergonhas dessa laia” — disse ele.
- KHLESTAKOV** E você se alegra em repetir isso que ele disse, minha besta?!

ÓSSIP E ele disse mais ainda: “Desse jeito, qualquer um pode viver como príncipe e ficar cheio de dívidas. E nem ao menos podemos mandá-los embora antes que paguem. Mas comigo não vai ser assim, não. Eu vou direto fazer a denúncia para que ele vá logo para a cadeia!”

KHLESTAKOV Chega, chega, idiota! Cale a boca. Faça o que eu mando! Que animal, que bruto!

ÓSSIP É melhor que eu chame o hoteleiro e ele mesmo vem aqui falar com o senhor.

KHLESTAKOV Pra quê? Vá lá você. Você pode falar com ele sozinho.

ÓSSIP Mas eu acho que é melhor o senhor falar.

KHLESTAKOV Vá, vá pro diabo

GOGOL, Nikolai. *O inspetor geral*. (Tradução Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri). São Paulo: Abril, 1976 (Coleção Teatro Vivo).

TEXTO II

A megera domada, de William Shakespeare (1565-1616)**SINOPSE**

Um fidalgo habituado a pregar peças aos outros encontra Cristóvão Sly, um funileiro adormecido pela embriaguez em um canto da cidade. Leva-o para o seu castelo, acomoda-o em seu melhor aposento e arranja-lhe uma bela esposa de mentira. Ao acordar, Sly é convencido de que é realmente um nobre e que estivera louco por quinze anos. Para diverti-lo e evitar que volte ao vício, resolvem encenar uma peça que tem por título *A megera domada*. Na história, Batista Minola é rico mercador da cidade de Pádua e pai de duas filhas: Catarina, de gênio terrível, e Bianca que é, ao contrário da irmã, cordata e mansa.

Bianca tem muitos admiradores e candidatos, mas o velho pai está decidido somente a autorizar seu casamento quando Catarina encontrar também um noivo. Lucêncio, jovem estudante pisano, enamorado de Bianca, troca de roupas com seu empregado Trânio e se faz professor de línguas das filhas de Batista. Ortêncio, também apaixonado por Bianca, sente-se muito encorajado quando seu amigo Petruchio, de Verona, chega à cidade para encontrar uma rica esposa, disposto a se casar com qualquer megera desde que tenha bom dote. Apesar de tudo o que ouve a respeito de Catarina, declara que lhe fará a corte. Ao ser cortejada, Catarina faz jus à sua fama, procedendo da maneira mais antipática possível.

ATO SEGUNDO, CENA 1 (FRAGMENTO)

- PETRUCHIO Bom dia, Catita, pois soube que este era o vosso nome.
- CATARINA Ouviste bem, mas tendes os ouvidos um pouco duros. Os que falam de mim chamam-me de Catarina.
- PETRUCHIO Palavra de honra que estais mentindo. Vosso nome é simplesmente Catita, a boa Catita e às vezes, Catita a má; mas, Catita, a mais bela Catita da cristandade; minha melíflua Catita, minha doce Catita... Por conseguinte, Catita, meu consolo, Catita, escuta-me! Tendo ouvido em todas as cidades elogiar tua doçura, tuas virtudes, tua beleza elogiada (não tanto, contudo, quanto merecem), senti-me movido a cortejar-te como minha futura esposa.
- CATARINA Movido! Não é sem tempo. Deixai-vos mover e como viestes, ide embora. Saí daqui. Vi imediatamente que tínheis o ar de móvel.
- PETRUCHIO Como! Que móvel?
- CATARINA Um tamborete!
- PETRUCHIO Disseste bem! Vem e assenta-te em cima de mim.
- CATARINA Os burros foram feitos para carregar e vós também.
- PETRUCHIO As mulheres foram feitas para carregar e vós também.
- CATARINA Não serei o rocim que vos carregará, se é a mim que vos referis.
- PETRUCHIO Ai de mim, bondosa Catita. Não te serei pesado, porque, vendo-te jovem e leve...
- CATARINA Muito leve para deixar-me apanhar por um casca-grossa como vós. Entretanto, peso o que deveria pesar.
- PETRUCHIO Deverá convir-me! Sem dúvida alguma.
- CATARINA Falastes bem, mas como um falcão.
- PETRUCHIO Ó, rolinha de lento vôo! Que falcão irá apanhar-te?
- CATARINA Oh! Para uma rolinha vai ele buscar um falcão!
- PETRUCHIO Vamos, vamos, minha vespa; na verdade, ficais irritada demais.
- CATARINA Se sou vespa, cuidado com o meu ferrão.
- PETRUCHIO Só terei, então, um remédio: arranca-lo.
- CATARINA Sim, se o imbecil for capaz de saber onde está.
- PETRUCHIO Quem não sabe onde a vespa tem o ferrão? Na cauda.
- CATARINA Na sua língua.
- PETRUCHIO Na língua de quem?
- CATARINA Na vossa, se falais de caudas. E sabe o que mais? Adeus.

SHAKESPEARE, William. *A megera domada*. (Tradução de F. Carlos de Alemida Cunha Medeiros e Oscar Mendes). In: _____. *Obras completas*. Vol. II Comédias e sonetos. São Paulo: Abril, 1981.

TEXTO III

Romeu e Julieta, de William Shakespeare (1565-1616)**SINOPSE**

Em Verona, duas famílias rivais se digladiam ferozmente: Montecchios e Capuletos. Em meio a uma história sangrenta, os jovens Romeu, da família Montecchio, e Julieta, da família Capuleto, se apaixonam. A cena a seguir flagra o encontro da Senhora Capuleto e sua filha Julieta após o assassinato de Teobaldo, primo desta, por Romeu em uma briga de rua.

ROMEU E JULIETA*Cena V Ato III*

- SENHORA CAPULETO (Dentro) Minha filha, já estás levantada?
- JULIETA Quem está me chamando? É minha mãe? Tão tarde e ainda não se deitou ou tão cedo e já se levantou? Que motivo inusitado a traz aqui?(entra senhora Capuleto)
- SENHORA CAPULETO Então, que há, Julieta?
- JULIETA Senhora, não estou passando bem.
- SENHORA CAPULETO Sempre chorando a morte de teu primo? Como! Pretendes tirá-lo do túmulo com tuas lágrimas? Portanto, cessa de chorar. Um sentimento moderado revela amor profundo, enquanto que, excessivo, indica insensatez.
- JULIETA Entretanto, deixai-me chorar uma perda, tão sensível.
- SENHORA CAPULETO Assim sentirás a perda, mas não o amigo por quem choras.
- JULIETA Sentindo-lhe assim a perda, não posso contudo deixar de chorar sempre o amigo.
- SENHORA CAPULETO Estou-te compreendendo, minha filha: choras não só a morte dele, como porque ainda está vivo o infame que o assassinou.
- JULIETA Que infame, senhora?
- SENHORA CAPULETO Esse infame Romeu.
- JULIETA (À parte) Entre um infame e ele há muitas milhas de distâncias!... Deus o perdoe, como eu o perdôo de todo o coração! Contudo, nenhum homem me aflige tanto quanto ele!
- SENHORA CAPULETO Isso é porque vive o traidor assassino.
- JULIETA Sim, senhora. Porque vive longe do alcance destas minhas mãos! Quisera que só eu vingasse a morte de meu primo!
- SENHORA CAPULETO Teremos nossa vingança, não tenhas medo! Não chores mais. Vou mandar alguém a Mântua, onde vive esse desterrado vagabundo, para dar-lhe tão estranha bebida que breve fará companhia a Teobaldo e, então, julgo que ficarás satisfeita.
- JULIETA Verdadeiramente, nunca ficarei satisfeita com Romeu até que não o veja... morto! Meu pobre coração está tão torturado pelo falecimento de um parente... Senhora, se pudésseis achar um homem que levasse o veneno, eu o prepararia, de maneira que Romeu, tendo-o recebido, dormiria depressa em paz! Oh! Como meu coração sofre ouvindo nomeá-lo e não poder dirigir-me para onde está, a fim de fazer sentir o amor que tinha por Teobaldo no corpo daquele que lhe arrebatou a vida.
- SENHORA CAPULETO Procura os meios e eu procurarei alguém. Mas, agora, minha filha, tenho alegres notícias para dizer-te.
- JULIETA E chega a propósito a alegria em ocasião que tão necessitada está! Quais são elas? Dizei, por favor.

- SENHORA CAPULETO Bem, bem, tens um pai providente, minha filha, e que encontrou, para tirar-te de tua tristeza, um imprevisto dia de felicidade que nem tu aguardavas, nem eu previa.
- JULIETA Senhora, muito me alegro. Que dia é esse?
- SENHORA CAPULETO Palavra de honra, minha filha, cedo, na próxima quinta-feira de manhã, o galante, jovem e nobre gentil-homem, Conde de Páris, na Igreja de São Pedro, terá a ventura de fazer de ti uma feliz esposa.
- JULIETA Então, pela Igreja de São Pedro e também por São Pedro, lá ele não fará de mim uma feliz esposa! Estou espantada com esta pressa e que haja de casar-me com quem nem sequer me fez a corte. Senhora, eu vos suplico que digais a meu senhor e pai que não quero casar-me ainda e que, se o fizer, será com Romeu, juro-vos, a quem sabeis que odeio, mas nunca com Páris.

SHAKESPEARE, William. Romeu e Julieta. (Tradução de F. Carlos de Alemida Cunha Medeiros e Oscar Mendes). In: _____. *Obras completas*. Vol. I Tragédias. São Paulo: Abril, 1981.